

UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA

CE – CENTRO DE EDUCAÇÃO

CURSO DE PEDAGOGIA

ERICKA DE MEDEIROS BORGES

NAYARA CRISTINE LIMA DA SILVA

A INCLUSÃO DAS PESSOAS SURDAS

**João Pessoa
2016**

**ERICKA DE MEDEIROS BORGES
NAYARA CRISTINE LIMA DA SILVA**

A INCLUSÃO DAS PESSOAS SURDAS

**Trabalho de conclusão de curso
apresentado com requisito parcial para a
obtenção do grau de Graduação de
Licenciatura em Pedagogia, pela
Universidade Federal da Paraíba – UFPB.**

Orientadora: Professora Dr. Janine Marta Coelho Rodrigues

CATALOGAÇÃO NA FONTE ELABORADA PELA BIBLIOTECA SETORIAL DO CURSO DE
PEDAGOGIA - UFPB

B732i Borges, Erika de Medeiros.

A inclusão das pessoas surdas / Erika de Medeiros Borges,
Nayara Cristine Lima da Silva. – João Pessoa: UFPB, 2016.
48f. ; il.

Orientadora: Janine Marta Coelho Rodrigues
Monografia (Licenciatura em Pedagogia) – UFPB/CE

1. Educação especial. 2. Inclusão. 3. Surdos. I. Silva, Nayara
Cristine Lima da. II. Título.

UFPB/CE/BS

CDU: 376-056.263(043.2)

A INCLUSÃO DAS PESSOAS SURDAS

Trabalho de Conclusão de Curso, aprovado como requisito parcial para a
obtenção do Título de Licenciatura em Pedagogia da UFPB –
Universidade Federal da Paraíba.

BANCA EXAMINADORA

Janine Marta Coelho Rodrigues
Professora Dr^a. Janine Marta Coelho Rodrigues (Orientadora)

Professora Dr^a. Ana Dorziat Barbosa de Melo (Examinadora)

Professora Dr^a. Sandra Alves da Silva Santiago (Examinadora)

Dedico este trabalho de conclusão de curso a
Deus, por ter guiado esta jornada e
capacidade de superar desafios.

Dedicamos essa etapa da nossa vida a Deus, pois foi através Dele que fomos capazes de chegar até aqui

AGRADECIMENTOS

A Professora Dr. Janine Marta Coelho Rodrigues, por ter aceitado o desafio de ser nossa orientadora.

Aos nossos familiares, que nos deram apoio e nos inseriram no meio educacional, sempre dando apoio, motivação, torcendo e compreendendo nos momentos difíceis nessa caminhada.

Ao marido de Ericka, João Neto, que sempre esteve presente, incentivando com palavras e ações, muitas vezes deixando o seu conforto de lado para ajudá-la o máximo possível com todo carinho e amor.

As nossas amigas, Joice Ellen e Thayna Alves, que nos acompanharam nessa jornada, sempre dividindo momentos difíceis e principalmente os momentos felizes.

Ao professor Dr. Ewerton, nosso professor de Libras, pois foi na disciplina ministrada por ele que nos despertou a vontade de fazer nosso trabalho sobre a inclusão dos surdos.

Aos professores e funcionários da Universidade Federal da Paraíba. Em especial a Professora Dr. Ana Dorziat e a Professora Dr. Sandra Santiago, por terem aceitado o convite de fazer parte da nossa Banca.

Muito obrigada a todas(o), por tudo!

RESUMO

O presente trabalho busca mostrar como os alunos surdos são incluídos na sociedade, principalmente no meio escolar, trazendo uma análise reflexiva desde a antiguidade até as concepções dos dias atuais, observando como os surdos eram vistos pela sociedade até serem tratados de forma inclusiva, inicialmente, garantidos pela Constituição Federal de 1988, logo após seus direitos foram firmados pela LDB (Lei de Diretrizes e Bases Educacional) 9.394/96 no Brasil. Podemos assim verificar como ocorreu esse processo de inserção do surdo. Para alcançar esse objetivo, realizamos um Estudo de Caso, focando no olhar da comunidade surda, tida como: a família, o aluno, o professor e o intérprete. Sendo assim, trazendo resultados que condiz com a realidade desses sujeitos. Pois nem sempre as Leis são efetivadas de maneira que possam garantir a integridade dos mesmos.

PALAVRAS CHAVES: Inclusão – Educação – Surdos – Libras

ABSTRACT

The present article aims to show how deaf students are included in society, especially in the school environment, bringing a reflexive analysis from the antiquity to the conceptions of the present day, observing how the deaf were seen by society until they were treated in an inclusive, Guaranteed by the Federal Constitution of 1988, shortly after their rights were signed by the LDB (Law of Educational Guidelines and Bases) 9,394 / 96 in Brazil. We can thus verify how this process of insertion of the deaf occurred. To achieve this goal, we conducted a Case Study, focusing on the look of the deaf community, considered as: the family, the student, the teacher and the interpreter. Thus, bringing results that matches the reality of these subjects. For laws are not always enforced in a way that guarantees their integrity.

KEYWORD: Inclusion - Education - Deaf - Pounds

LISTA DE FIGURAS

FIGURA 1- ESTRUTURA DO OUVIDO	18
-------------------------------------	----

LISTA DE ABREVIATURAS

AEE – Atendimento Educacional Especializado

ASJP – Associação de João Pessoa

CAS – Centro de Apoio aos Surdos

CIL – Central de Intérpretes

CF – Constituição Federal

FUNAD – Fundação de Apoio ao Deficiente

IFPB – Instituto Federal da Paraíba

INES – Instituto Nacional dos Surdos

LDB – Lei e Diretrizes e Bases Educacional

LIBRAS – Língua Brasileira de Sinais

UFPB – Universidade Federal da Paraíba

SUMÁRIO

- INTRODUÇÃO.....	11
1. CONTEXTUALIZAÇÃO HISTÓRICA DAS PESSOAS SURDAS	13
1.1 – NA ANTIGUIDADE	13
1.2 – CONGRESSO DE MILÃO	15
1.3 – SÉCULO XX.....	16
1.4 – CAUSAS DA SURDEZ.....	17
1.5 – CONCEITO DE LIBRAS.....	20
2.0 – COLETA DE DADOS.....	23
2.1- FAMÍLIA.....	23
2.2- ALUNO SURDO.....	25
2.3 – VISÃO DO PROFESSOR.....	26
2.4 – VISÃO DO INTÉRPRETE.....	27
2.5 – ANÁLISE DA COLETA DE DADOS	28
3.0 – CONSIDERAÇÕES FINAIS	28
REFERÊNCIAS	
APÊNDICE A	
APÊNDICE B	
APÊNDICE C	
APÊNDICE D	

INTRODUÇÃO

O referido trabalho de Conclusão de Curso é requisito parcial para obtenção da graduação de Licenciatura em Pedagogia da Universidade Federal da Paraíba – UFPB.

A pesquisa foi realizada através de um estudo de caso buscando compreender o olhar das pessoas que fazem parte da comunidade surda, tidas como: Famílias, alunos, professor e interprete. Para compreender melhor o tema e alcançar de maneira mais clara o objetivo do nosso trabalho, o dividimos em 2 momentos:

- O primeiro momento, relata a história das pessoas surdas desde a antiguidade, mostrando que elas eram tratadas como pessoas amaldiçoadas, pois eram consideradas como seres que não eram capazes de interagir com a sociedade, diante dessa situação, durante um longo período viveram de forma marginalizada.

Porém, o Congresso de Milão em 1880, trouxe um grande marco, causando um imenso divisor de águas na história dos surdos. Durante esse congresso foi proposto que a língua gestual fosse extinta e os surdos deveriam usar apenas a linguagem oral para poderem comunicar-se. Mas ao decorrer dos anos tornou-se um fracasso e aos poucos a linguagem gestual foi voltando a ser usada pelos surdos.

No entanto, por volta do século XX, seus direitos na sociedade começaram a ser garantidos. A Constituição Federal de 1988, Capítulo III – Da Educação da Cultura e do Desporto, Seção 1 – Da Educação, cita no Artigo 208 que é dever do Estado garantir o direito a educação gratuita aos sujeitos deficientes no ensino regular. Logo após, a LDB (Lei de Diretrizes e Bases Nacional) vem ressaltar ainda mais esse processo de inclusão.

Para entender melhor as causas da surdez, faremos uma breve análise de como tal processo ocorre, suas possíveis causas e prevenções.

Também veremos um breve conceito conceitos de Libras, como surgiu, a sua importância e os locais de atendimentos como: INES (Instituto de Apoio aos Surdos), a ASJP (Associação dos Surdos de João Pessoa) e a FUNAD (Fundação de Apoio aos Deficientes).

- O segundo momento é dado a partir do estudo de caso, onde faremos uma pesquisa buscando proporcionar uma visão aproximada de caráter qualitativo com perguntas elaboradas com o auxílio da nossa orientadora Professora Dr. Janine Marta Coelho Rodrigues. Para que possamos refletir sobre as o tema a ser estudado. Destacando como foram as descobertas, onde buscaram apoio, como enfrentaram os desafios, principalmente os preconceitos, como superaram e enxergam a situação na atualidade. Pois a mudança em suas rotinas tornam-se necessárias nesse processo de adaptação.

Por fim, nas considerações finais, iremos colocar nossas opiniões de forma crítica sobre esses processo de inclusão presente nas instituições educacionais. Pois sabemos que na prática, nem sempre é cumprido da forma que a Lei impõe.

1.0 – CONTEXTUALIZAÇÃO HISTÓRICA DOS SURDOS

Pessoas surdas: sujeitos surdos que tem costumes, histórias, tradições em comum e pertencentes as mesmas peculiaridades, ou seja, constrói sua concepção de mundo através dos demais sentidos.

Comunidade surda: não é constituída apenas por surdos, e sim por aqueles que o cercam: família, intérpretes, professores, amigos... e determinados locais que são associados aos surdos, federação de surdo, igreja e outros.

1.1– Antiguidade

Para analisar a história dos surdos, devemos fazer um longo passeio, iniciando na Idade Antiga até os dias atuais. Durante esse tempo, o povo surdo passou por um grande processo de luta nas questões culturais, religiosas, educacionais, entre outras.

Na idade antiga muitos países possuíam uma visão equivocada em relação ao povo surdo:

- Roma: Eles acreditavam que os surdos eram pessoas enfeitiçadas ou castigadas. Por causa disso, jogavam-os nos rios ou os faziam de escravos.
- Grécia: Os surdos eram condenados a morte, pois eles eram considerados seres inválidos.
- Egito: Já nesse país, as pessoas tinham uma visão diferente, eles eram tratados como se fossem deuses, porque atuavam como mediadores entre os deuses e faraós.

O filósofo Aristóteles (384 -322 a.C) veio dizer que: “ ... de todas as sensações, é a audição que contribuiu mais para a inteligência e o conhecimento... portanto, os nascidos surdo-mudo se tornam insensatos e naturalmente incapazes de razão.” Ou seja, ele vem afirmar que as pessoas surdas não mereciam ser tratados como pessoas normais, pois eles não eram considerados sujeitos insanos porque não eram capazes de escutar.

Porém, logo depois, no ano de 470 a.C, o filósofo Sócrates afirmou: “suponhamos que nós não tenhamos voz ou língua e queiramos indicar objetos um ao outro. Não deveríamos nós, como surdos-mudos, fazer sinais com as mãos, a cabeça e o resto do corpo? (Cratylus de Plato, discípulo e cronista, 368 a.C). Podemos perceber que a partir destas palavras, começam a iniciar o processo de linguagem gestual.

Como pudemos analisar, durante todo esse tempo, a imagem de uma pessoa surda era muito equivocada, pois como eles não desenvolviam a oralidade eram castigados, considerados loucos, dignos de piedade e enfeitiçados. Porém, no final da Idade Média para o início da Idade Moderna, os preceitos religiosos foram ficando de lado e deu início a outra perspectiva, a da razão, onde foi visto que a surdez era uma deficiência e passou a ser analisada sob visão científica. E foi nesse processo que a surdez foi distinguida de mudez, ou seja, nem todo surdo é necessariamente mudo, porque a oralidade está presente, mas não é desenvolvida porque o sujeito não é capaz de escutar. Sendo assim, o termo “surdo-mudo” passa a deixar de ser utilizado.

A partir daí, deu-se início a uma divisão de pensamentos, alguns pesquisadores defendiam que o método mais eficaz para a comunicação dos surdos seria o método gestual, pois eles já haviam iniciado várias pesquisas e até criaram instituições para ensinar os surdos. Mas, outros afirmavam que não, porque o surdo era capaz de falar, logo a oralidade podia ser desenvolvida através de ensinamentos.

1.2 – CONGRESSO DE MILÃO

Em 1880, a história dos surdos passou por um grande divisor de águas: os pesquisadores que defendiam a oralidade resolveram exterminar com o ensino da língua gestual, entre outras afirmativas, eles alegavam que os surdos tornavam-se preguiçosos e por causa da comunicação através de gestos, perdiam o interesse de praticar a oralidade. Diante dessa visão, foi criado o Congresso de Milão em 1880, na Itália. Um congresso composto por um grupo

de ouvintes, entre eles o professor Bell, que foi o primeiro professor a ensinar o surdo a falar nos EUA, entre outros professores e médicos que defendiam esse método completamente.

O Congresso de Milão em 1880 durou 3 dias, onde foram votadas 8 resoluções:

1. O uso da língua falada, no ensino e educação dos surdos, deve preferir-se à língua gestual;
2. O uso da língua gestual em simultâneo com a língua oral, no ensino de surdos, afeta a fala, a leitura labial e a clareza dos conceitos, pelo que a língua articulada pura deve ser preferida;
3. Os governos devem tomar medidas para que todos os surdos recebam educação;
4. O método mais apropriado para os surdos se apropriarem da fala é o método intuitivo (primeiro a fala depois a escrita); a gramática deve ser ensinada através de exemplos práticos, com a maior clareza possível; devem ser facultados aos surdos livros com palavras e formas de linguagem conhecidas pelo surdo;
5. Os educadores de surdos, do método oralista, devem aplicar-se na elaboração de obras específicas desta matéria;
6. Os surdos, depois de terminado o seu ensino oralista, não esqueceram o conhecimento adquirido, devendo, por isso, usar a língua oral na conversação com pessoas falantes, já que a fala se desenvolve com a prática;
7. A idade mais favorável para admitir uma criança surda na escola regular é entre os 8-10 anos, sendo que a criança deve permanecer na escola um mínimo de 7-8 anos; nenhum educador de surdos deve ter mais de 10 alunos em simultâneo;
8. Com o objetivo de se implementar, com urgência, o método oralista, deviam ser reunidas as crianças surdas recém admitidas nas escolas, onde deveriam ser instruídas através da fala; essas mesmas crianças deveriam estar separadas das crianças mais avançadas, que já haviam recebido educação gestual, a fim de que não fossem contaminadas; os

alunos antigos também deveriam ser ensinados segundo este novo sistema oral.

E assim, a língua gestual foi deixada de ser ensinada nas escolas no final do século XIX e o oralismo passou a ser a técnica preferida na educação dos surdos durante o final do século XIX e no início do século XX.

1.3 SÉCULO XX

Porém, durante o século XX as evidências que esse método não daria certo foram começando a aparecer, uma vez que foi visto que a surdez não era algo que tinha cura, e os problemas de comunicação, entretanto no meio social, tornaram-se mais visíveis, pois os surdos não conseguiam comunicar-se com clareza com os ouvintes e nem conseguiam arrumar empregos.

Com o surgimento do primeiro aparelho auditivo, as implantações cocleares, traziam o intuito que as crianças ouvissem os sons ao seu redor e não fossem deficientes. Entretanto, a comunidade surda não foi a favor desse processo, pois defendiam a ideia que as crianças precisavam adquirir, sobretudo a linguagem. E até mesmo os médicos sugeriam que o implante tinha que ser acompanhado com a língua gestual.

Em 1950, no Brasil, a tendência inicialmente considerada para a atuação inclusiva na escola regular foi a educação integrada, em classes comuns. Essa concepção era baseada no princípio da “normalização”, que “tinha como pressuposto básico a ideia de que toda pessoa com deficiência tem o direito de experimentar um estilo ou padrão de vida comum à sua cultura”. (Mazzotta, 2005 p. 42).

Ou seja, essa ideia veio com o objetivo de introduzir o sujeito com deficiência na sociedade, para que ele pudesse ter as mesmas oportunidades e experiências que os demais alunos viessem a ter.

Logo após, para garantir esse direito, que as pessoas com deficiência, pudessem frequentar as instituições públicas e privadas a Constituição Federal de 1988, que no Capítulo III – Da Educação, da Cultura e do Desporto, Seção 1 – Da Educação, cita no Artigo 208:

O dever do Estado com a Educação será efetivado mediante a garantia de: (...) II – progressiva universalização do ensino médio gratuito; III – atendimento educacional especializado aos portadores de deficiência, preferencialmente na rede regular de ensino. (CF, 2010, p.42-3).

Para ressaltar ainda mais o direito de inclusão a LDB (Lei de Diretrizes e Bases Nacional) nº9.394/96, que rege no seu Título III, do Direito à Educação e do Dever de Educar, Artigo 4º, vem tornar o ensino obrigatório e gratuito para as pessoas com deficiência :

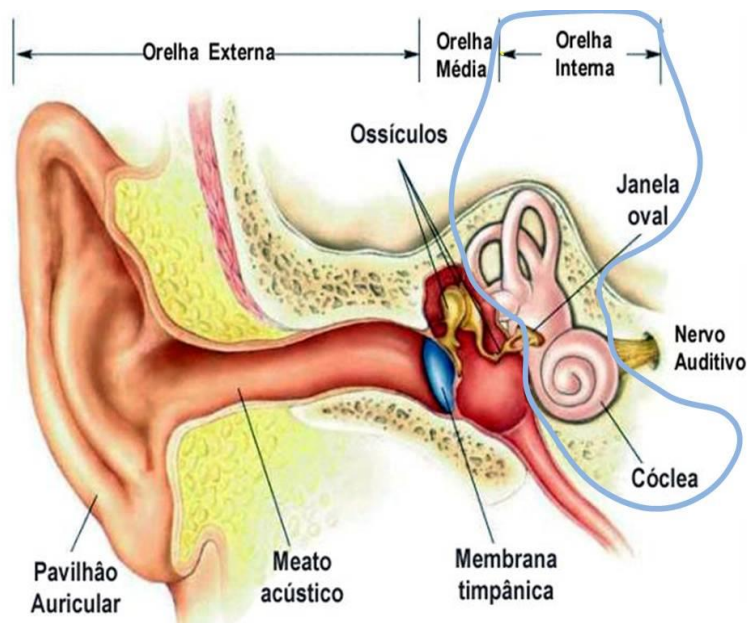
O dever do Estado com educação escolar pública será efetivado mediante a garantia de: I - ensino fundamental, obrigatório e gratuito, inclusive para os que a ele não tiveram acesso na idade própria; II - universalização do ensino médio gratuito; III – atendimento educacional especializado gratuito aos educandos com necessidades especiais, preferencialmente na rede regular de ensino (LDB, 1996).

Analisando estes fatos, é possível perceber que esse processo de inclusão é bem recente e foi iniciado nas instituições de ensino, garantidos pela Lei. Porém a escola não é o único meio onde esse processo deve ocorrer, apesar do grande avanço no meio social, ainda existe a necessidade de mudanças significativas.

1.4 – CAUSAS DA SURDEZ

Para que o indivíduo ouça, existe todo um processo para que o som emitido no ambiente chegue ao córtex cerebral. O nosso ouvido é dividido em várias partes: ouvido externo, ouvido médio, ouvido interno e nervo auditivo.

Entenda melhor analisando a imagem da figura 1:



FONTE: <http://www2.ibb.unesp.br>

Vários são os fatores que podem desencadear a deficiência auditiva no sujeito. Essas causas podem ser:

- Causas pré natais – são aquelas que ocorrem antes do parto, ou seja, quando o bebê ainda encontra-se dentro da barriga da mãe. Esses fatores podem ocorrer por motivos: hereditários, malformação genética, hintoxicações intra – uterinas, alterações endócrinas, falta de vitaminas, entre outros fatores.
- Causas peri natais – são as causas que são adquiridas durante o processo de nascimento, o parto. Exemplos: hemorragias no ouvido, anóxia ou incompatibilidades sanguíneas.

- Causas pós natal – são as que ocorrem após o parto e até mesmo no decorrer da vida dos ser humano. Tais como: doenças infecciosas, bacterianas, virais, intoxicações e traumas acústicos.
- E ainda existem as causas que são desconhecidas ou idiopáticas.

No entanto a perda auditiva pode ser dividida em diferentes graus, pois ela é dada de acordo com a quantidade de decibéis que o indivíduo é capaz de ouvir.

Logo, ela pode ser:

- Leve – de 25 à 40 dB:

Quando a deficiência, como o próprio nome já diz, é ligeira e não acarreta grandes prejuízos na comunicação do sujeito. Por isso, muitas vezes a criança aparenta ser distraída, porque várias vezes ela não consegue ouvir com muita clareza o som de algum ruído.

- Moderada – de 45 à 70 dB:

As crianças com essa deficiência apresentam dificuldades na fala e só conseguem escutar quando o som é muito alto. Portanto, é necessário usar aparelhos auditivos e precisam de bastante estímulos para desenvolver a linguagem oral.

- Severa – 75 à 85 dB:

Mesmo usando próteses, ainda apresentam certas dificuldades em ouvir determinados sons e a linguagem oral torna-se mais difícil.

- Profunda – à partir de 85 dB:

A capacidade de ouvir é praticamente impossível, principalmente através da fala de outra pessoa, o ambiente torna-se perceptível através de vibrações e os demais sentidos ficam mais aguçados. Nesse caso, o melhor meio de comunicação é através da língua gestual, a Libras. Quanto mais cedo a criança tem o contato com essa língua, mais facilidade ela terá em desenvolver-se no meio social e cognitivo.

Um importante método de identificar a deficiência auditiva é através do tão conhecido teste da orelhinha, aplicado em crianças recém nascidas dentro do

segundo ou terceiro dia de vida, ainda na maternidade. Esse teste é aplicado com a utilização de um aparelho eletrônico que é capaz de medir a quantidade de decibéis que a criança ouve. Esse teste é obrigatório garantido pela Lei Federal nº12.303, em vigor desde o dia 02 de agosto de 2010:

Art. 1º É obrigatória a realização gratuita do exame denominado Emissões Otoacústicas Evocadas, em todos os hospitais e maternidades, nas crianças nascidas em suas dependências.

Art. 2º Esta Lei entra em vigor na data de sua publicação.

(Brasília, 2 de agosto de 2010; 189º da Independência e 122º da República).

Quanto antes o grau de surdez for diagnosticado, mais chances de prevenir uma possível surdez severa a criança terá. É muito importante observar a capacidade a capacidade em que a criança comunica-se através da fala e a atenção que ela demonstra diante de um efeito sonoro. Geralmente, quando a surdez não é diagnosticada com o teste da orelhinha, os pais só começam a perceber a deficiência por volta dos 4 anos de idade, tornando assim, cada vez mais lento o seu desenvolvimento.

1.5 – CONCEITO DE LIBRAS

Não sabe-se ao certo quando a Língua de sinais surgiu. Ou seja, quando os homens começaram a desenvolver uma comunicação que pudesse ser considerada como uma língua de sinais.

Podemos caracterizar a língua de sinais como uma língua gestual utilizada pelas configurações de mãos e expressões faciais para uma melhor comunicação entre surdos e ouvintes. Não a podemos considerar como uma língua universal, pois cada país possui sua própria particularidade. Até mesmo entre as regiões brasileiras, alguns sinais são diferentes, pois como na linguagem oral, as pessoas usam nomes diferentes para determinado objeto, também acontece com a comunidade surda, que incorporam novos gestos de acordo com o avanço cultural e tecnológico.

Diferente da língua portuguesa, a LIBRAS encontra-se diferente em seu modo gramatical, os verbos aparecem no infinitivo e os pronomes pessoais não são representados, sendo necessário apontar a pessoa de quem se fala para ter sentido. Também existem algumas palavras que não possuem sinais correspondentes, por exemplo, o caso dos nomes próprios. Nessa situação as letras precisam ser sinalizadas através da datilografia para expressar tal palavra.

No Brasil, a LIBRAS (Língua Brasileira de Sinais) surgiu em 1857 com a fundação do Instituto dos Surdos no Rio de Janeiro, atualmente chamada de INES (Instituto Nacional dos Surdos). Tornando-se a primeira escola de surdos no Brasil.

Na atualidade o INES (Instituto Nacional dos Surdos), é uma escola bilíngue, ou seja, um tipo de escola especializada para pessoas surdas, pois ao contrario das escolas “normais” que ensinam primeiro o português para logo após ensinar a LIBRAS, a escola bilíngue ensina primeiro a LIBRAS para depois ensinar o português. A mesma atende cerca de 600 alunos que abrangem desde a educação infantil até o ensino médio. Oferecendo ensinios profissionalizantes e estágios remunerados, para que o surdo possa ser inserido no mercado de trabalho e na sociedade atual.

O INES não preocupa-se apenas com apenas com a questão educacional das pessoas com deficiência auditiva, ele visa atender a comunidade local com o apoio de profissionais especializados nas áreas de fonodiologia, psicologia e assistência social. Também desenvolve pesquisas para facilitar a comunicação dos surdos no meio social.

Os surdos também podem contar com a ASJP (Associação dos Surdos de João Pessoa). Ao contrario da FUNAD, ela é um órgão privado, localizado no bairro da Torre, fundada no ano de 1989 e possui a finalidade de atender pessoas com deficiência auditiva.

É importante ressaltar que tentamos fazer a visita a Associação durante dois dias, porém o local encontrava-se fechado. Ao tentar procurar informações com

moradores locais, fomos informadas que o local era difícil ser aberto e que geralmente eles abriam mais no turno da noite.

Em João Pessoa podemos contar como apoio da FUNAD (Fundação de Apoio ao Deficiente). É um órgão público que possui a especialidade em atender pessoas com deficiências, entre elas a auditiva. Possui dois centros especializados, o CAS (Centro de Apoio dos Surdos) onde é oferecido o ensino de Libras para a comunidade surda e ouvintes e o CIL (Central de Interpretes) onde é disponibilizado intérpretes para facilitar a comunicação entre surdos e ouvintes, entre outros, no ramo da educação.

Durante a nossa visita no dia 10 de novembro a procura de informações sobre o atendimento não obtivemos êxito, pois era necessário uma declaração da Universidade para poder conseguir qualquer tipo de informação sobre a mesma.

2.0– COLETA DE DADOS

Para realizar nossa pesquisa foi feito um estudo de caso entre duas famílias, dois alunos, um professor e um interprete. No qual realizamos entrevistas com o objetivo de colher informações sobre seus olhares diante da comunidade surda.

2.1- FAMÍLIA

Sabemos que a família é de extrema importância no acompanhamento do desenvolvimento de seus filhos. Pois é nela que a criança tem o primeiro contato. Tudo que acontece em seu meio familiar é refletido no comportamento da criança através do seu emocional. É importante que ela esteja atenta no desenvolvimento da criança, no caso de uma criança com surdez, acompanhar o seu desenvolvimento na linguagem oral, a sua reação aos sons ao redor, a forma que ele utiliza para se comunicar.

No entanto, a grande maioria das famílias apresentam resistências á aceitara a condição do seu filho, pois ela terá que se adaptar a nova situação e enfrentar preconceitos impostos pela sociedade.

Buscar apoio nas instituições, exemplo (Funad: Fundação de Apoio ao Deficiente) é um dos primeiros passos para promover o desenvolvimento da criança. Por isso quanto mais cedo descobrir e aceitar a deficiência de seu filho, mais rápido e será obtido êxito em seu desenvolvimento social e intelectual.

Durante nossa entrevista colhemos os dados de suas famílias e foi possível observar que ambos tiveram visões diferentes desse processo de aceitação: Ao entrevistar a mãe de um surdo Maria Irma Nascimento de Lima, com 49 anos. Ela é professora de Libras (graduada e especialista) trabalha na área durante 9 anos.

A mesma relatou que descobriu a deficiência do seu filho por volta de um ano de idade, pois ela verificou que o mesmo não respondia aos estímulos que uma criança com essa idade já responde. Então ela levou ao especialista e então foi diagnosticada a surdez através de uma síndrome.

No começo ela ficou apreensiva, pois não sabia como lidar com essa situação, mas em nenhum momento quis maquiar essa realidade pois estava ciente que o filho era um membro da família que possuía uma língua materna diferente e tinha que se unirem para aprende-la assim como se aprende-se o inglês, francês...E foi na FUNAD (fundação de apoio ai deficiente) onde encontraram esse apoio.

Grande parte dos preconceitos enfrentados vinheram da sociedade, porem em seu relato ela sente dó das pessoas que pensam assim, para ela todos são iguais e as pessoas que tem preconceitos são sujeitos com deficiência social.

No âmbito escolar, segundo a mesma, sempre teve boa relação nas escolas que ele estudou, todas publicas.

Numa segunda entrevista sendo com a mãe Gilda Gomes, relatou que por volta de um ano de idade Gian não desenvolvia nenhum tipo de estímulo auditivo, com isso alguns amigos e familiares começaram achar estranho e foram alertando a mãe sobre a possibilidade de haver algum tipo de deficiência, só que ela achava normal por ainda ser um bebê, só com a chegada de sua irmã e ao observar o desenvolvimento dela que com um ano já começava a forma palavras, a mãe observou que algo de estranho acontecia com o Gian.

Para ela foi muito difícil aceitar que Gian tinha algum tipo de deficiência principalmente pelo fato do preconceito que começava por parte dos próprios familiares, que diziam que ele ia ser uma criança problemática, que nunca ia poder estudar que a mãe nunca iria poder ter orgulho por ser uma criança com deficiência.

O diagnostico só foi dado quando Gian tinha quatro anos, a mãe levou ao médico que solicitou o Bera, exame que detectou a falta de audição, ela relatou também que quando ele tinha oito meses levou uma queda que acarretou a surdez, com o diagnostico começou todo processo de adequação para que ele

levasse uma vida mais tranquila e conseguisse uma forma de se comunicar, Gian foi encaminhado para fonodíloga e por já ter uma pessoa na família com outro tipo de deficiência incluída na FUNAD (Fundação de Apoio ao Deficiente) a mãe procurou ajuda para ele lá ele foi inserido na estimulação de Libras, terapia de Libras, e no oralismo.

A mãe ao buscar apoio educacional para seu filho passou por mais um preconceito, Gian não foi aceito na instituição de ensino por ser uma criança com deficiência auditiva, a escola afirmou não ter estrutura e pessoas qualificadas para dá apoio ao seu filho, a busca por uma educação para seu filho não parou por aí e a mãe encontrou apoio na escola Zulmira de Novais onde o acolheram muito bem, solicitaram um interprete para auxiliar em sala, a escola também possui a sala do AEE (Atendimento Educacional Especializado) onde o aluno possui maior apoio educacional, lá ele tem um professor de língua portuguesa, professor de Libras e apoio pedagógico.

A mãe relatou ainda que já sabe o básico de Libras e procura cada vez mais se adequa a essa língua pra sempre melhorar sua comunicação como filho. Hoje ela sabe a importância de ter vencido seus medos e ter ido atrás do melhor para seu filho e sabe que não é por conta dessa deficiência que ele não poderia levar uma vida normal, acredito que meu filho pode ir muito além do que muitos acreditam.

2.2 – ALUNO SURO

Desde a descoberta da deficiência auditiva o aluno passa por uma série de dificuldades na sociedade: aceitação da família, preconceito da sociedade ao seu redor, inclusão nas escolas entre outros. Para entender melhor como se dá esse processo, entrevistamos dois alunos surdos:

O primeiro entrevistado foi o aluno Marcos Antônio Nascimento de Lima, filho de Maria Irma, com 17 anos que está estudando Edificações no IFPB (Instituto Federal da Paraíba).

Aprendeu Libras aos quatro anos de idade na FUNAD (Fundação de Apoio ao Deficiente). Sempre estudou em escolas publicas regular, onde diz que a mãe sempre lutou para garantir, seus direitos, porém ele acredita que as escolas especializadas é capaz de desenvolver melhor que a regular. Já passou por preconceitos, porem hoje em dia ele já aprendeu a lidar com essas situações, e uma das maiores dificuldades na escola foi a presença de interprete.

A comunicação com a família é feita através da língua gestual, e mais uma vez ele ressalta a importância da mãe nesse processo, seu esforço para que pudessem se comunicar na mesma língua. A tecnologia facilita bastante, pois é através de aplicativos em smartfones que ele consegue se comunicar melhor com ouvintes, o computador também é muito importante e excelente meio de realizar atividades principalmente no meio acadêmico.

Ele relatou que tem uma vida normal, costuma frequentar shopping, pizzarias, praias, porem de preferencia com seus amigos surdos. Pratica atividades esportivas como vôlei e também tem uma namorada ouvinte. Denomina-se uma pessoa feliz porque ama a vida , seus planos para o futuro é fazer design ou engenharia.

Na entrevista realizada com Gian Victor Gomes de 13 anos, filho de Gilda Gomes, com 13 anos de idade aluno do 6º ano do ensino regular. Começou a aprender Libras com 4 anos na FUNAD. Passou por preconceitos na escola e principalmente pela família o que o deixa muito triste por saber que não pode contar com algumas pessoas.

A comunicação com entre ele e a família é por movimentos gestuais e expressão facial, depois que a sua mãe se dedicou a aprender Libras sua comunicação com a família melhorou bastante pois ela é como uma ponte

2.3 – VISÃO DO PROFESSOR

Sabemos que a LDB (Lei de Diretrizes e Bases Nacional) tornou obrigatório a matricula de crianças especiais em escolas de ensino regular. Sendo assim, os

professores precisam se adaptarem a esse processo de inclusão. Muitos deles sentem-se inseguros com essa nova realidade, pois durante o processo de formação não receberam nenhuma instrução de como lidar com essa situação. Diante dessa visão , segundo Luzia (2008,p. 143) afirma que:

Esse novo contexto desencadeia a necessidade de amplas reformulações no processo educacional, dentre as quais destacamos a necessidade de reformulação na ação pedagógica do educador, na sua formação continuada, bem como no apoio pedagógico especializado que devem dispor as escolas regulares que atendam alunos com necessidades educacionais especiais.

Ou seja, diante desse novo contexto educacional, o professor precisa passar por formações continuadas para poder desenvolver um plano de aula onde possa incluir esses alunos em suas aulas, para que assim, o processo de inclusão seja efetivado com sucesso.

Essas dificuldades ficaram claras a partir da entrevista com a professora Iris Regina Nascimento de Lima, 26 anos de idade, graduada em pedagogia, leciona durante 4 anos na Escola José Vieira. A mesma relata que em seu processo de formação, nunca teve nenhuma capacitação relacionada sobre surdez ou Libras, portanto a comunicação com seu aluno é feita através do interprete, pois ele tem a função de fazer essa mediação. Ela afirma que o aluno apresenta dificuldades, principalmente na disciplina de português, pois o mesmo ainda não aprendeu a ler. A professora reconhece que o ensino de Libras nas escolas é de extrema importância, tanto para os surdos como para os ouvintes e deve ser implantado imediatamente nas escolas de ensino regular, pois facilitará a comunicação entre surdos e ouvintes.

2.4 – VISÃO DO INTERPRETE

Segundo a Lei nº 12.319, de 1º de setembro de 2010, artigo 1º, vem tornar obrigatório a presença de um intérprete em salas de aula no ensino regular. Onde ele tem a função de traduzir as duas línguas (português e libras) de maneira simultânea para o aluno e professor.

Logo é possível analisar que o intérprete não tem a função de ensinar, essa questão é função do professor, o intérprete apenas traduz a aula. Para que ele possa atuar nessa área, o mesmo precisa fazer especializações em cursos profissionais, curso de extensão ou cursos de formação continuada em especialização para professores.

A intérprete entrevistada foi a Cecília da Silva Oliveira Santos, com 35 anos de idade, graduada em Letras Português, capacitou-se em Libras através da Funad (Fundação de Apoio ao Deficiente), incentivada pelo seu primo que é surdo. Trabalha com intérprete na Escola José Vieira a cerca de 4 anos. Sempre participa dos planejamentos escolares, as vezes auxilia a professora nas realizações de atividades práticas. Porém ela tem a consciência que não pode interferir na prática educativa, nem mesmo de seu aluno, pois ela diz que apesar de manter relacionamento profissional tem um sentimento de carinho pelo aluno, porque a partir do momento que o intérprete é aceito na comunidade surda, torna-se sendo amigo e conselheiro.

2.5 – ANÁLISE DA COLETA DE DADOS

Com o relato dessas pesquisas observamos os diferentes olhares familiares, onde uma família tinha com o olhar mais acolhedor, voltado para o afeto e carinho com o deficiente auditivo, possibilitando um diagnóstico precoce dando assim mais chances a interação e inclusão, nos mostrando a importância de saber lidar com momentos difíceis. Vimos também as dificuldades enfrentadas por outra mãe, que por medo de encarar a realidade e não saber lidar com a situação, antes mesmo de ter um diagnóstico preciso do que havia com seu filho enfrentou diversos tipos de preconceitos, para ela algo muito doloroso de se presenciar principalmente por parte de seus familiares, pessoas que deveriam lidar apoiar.

Mesmo com as dificuldades enfrentadas é de extrema importância relatar que ambas proporcionaram o melhor para que seus filhos fossem incluído nessa sociedade mascarada que esconde que possui múltiplas deficiências.

Diante do olhar dos educadores, é possível perceber que a falta de formação especializada na área de educação especial, muitas vezes acarreta insegurança para que eles possam lidar com essa situação. O governo simplesmente coloca essa responsabilidade pra escola, porem muitas vezes não oferece subcídos para que essa pratica venha a ser realizada com mais segurança por parte dos profissionais. O apoio de associações, fundações e escolas para essas famílias foram muito válidos, foi lá que encontraram apoio para enfrentar diversas situações para que eles pudessem se comunicar, participar e conviver com outros surdos, interagir com a família já que é dado esse suporte tanto pro aluno como pra família, o desenvolvimento intelectual oferecido nas escolas regular para que o aluno deficiente possa aprender e dominar os assuntos da mesma forma que o aluno dito normal. A parceria entre a família e esses órgãos são fundamentais na vida de um surdo, pessoas bem qualificadas também lhe trazem um melhor resultado nas respostas de ensino aprendizagem, por isso vale ressaltar a importância de uma boa qualificação desses profissionais.

3.0 - CONSIDERAÇÕES FINAIS

Abordamos nesse trabalho um pouco da história das pessoas surdas e algumas das suas conquistas no decorrer do tempo, que trouxeram grande importância para o aprofundamento de nossos conhecimentos, pois ao estudar a sua história na sociedade, nos fez compreender melhor a realidade no presente.

A importância da aceitação dos alunos deficientes auditivos no ensino regular, a inclusão é feita através do ensino de Libras e do interprete, que possibilitam uma melhor relação entre professor e aluno.

Mesmo diante de algumas dificuldades para realizar a nossa pesquisa, conseguimos relatar um pouco sobre a visão de uma comunidade surda, as facilidades e dificuldades nos seus cotidianos como aceitação, preconceitos, buscar locais de apoio, elaborar currículos adaptados, aprender Libras, falta de formação, entre outros aspectos.

Sabemos que as pessoas surdas tiveram avanços significativos, inclusive, ao analisar sua história, sabemos que esses avanços eram bem recentes. Porém, sabemos que ainda há muito no que melhorar, pois a obrigatoriedade do ensino de Libras nas escolas e a escrita de sinais são recursos significantes, que tem como objetivo, tornar cada vez mais real esse processo de inclusão.

REFERÊNCIAS

MAZZOTTA. Marcos José Silveira. Educação Especial no Brasil: história e políticas públicas. 5 ed. São Paulo: Cortez, 2005

INES, O Universal na Línguas. Disponível em: http://www.ines.gov.br/ines_livros/37/37_001.HTM, Acessado em 08 de outubro de 2016.

FUNAD. Disponível em <http://www.funad.pb.gov.br/index.php>, Acessado em 09 de outubro de 2016.

HISTÓRIA DOS SURDOS. Disponível em https://pt.wikipedia.org/wiki/Hist%C3%B3ria_dos_surdos . Acessado em: 17 de Outubro de 2016.

Lei Federal n.º10.436/2002. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br>, Acessado em: 05 de novembro de 2016

Lei n.º 9394/1996. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br>, Acesso em: 05 de novembro de 2016

Lei nº 12.319/2010. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_Ato2007-2010/2010/Lei/L12319.htm , Acesso 8 de Novembro de 2016.

LEI Nº 12.303, DE 2 DE AGOSTO DE 2010. Disponível em http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2007-2010/2010/lei/l12303.htm Acesso: 13 de Novembro de 2016.

OLIVEIRA. Luzia de Fátima Medeiros de Oliveira. Práticas Inclusivas no Sistema de Ensino e em Outros Contextos. Ed. UFNR, Natal, 2008

APÊNDICE

UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA

CENTRO DE EDUCAÇÃO

CURSO DE PEDAGOGIA

APÊNDICE – A

QUESTIONÁRIO / FAMÍLIAS

- 1) Nome: _____
- 2) Idade: _____
- 3) Formação: _____
- 4) A quanto tempo trabalha na área? _____
- 5) Como descobriu que o filho era surdo? _____

- 6) Qual foi a causa? _____
- 7) Quantos anos ele tinha? _____
- 8) Como foi a reação ao descobrir? _____

- 9) Onde buscou apoio? _____
- 10) Que tipo de mudanças foram necessárias para a família se adaptar (rotina, forma de comunicar, aprender libras...) ? _____

- 11) Já presenciou algum preconceito? Como foi? Qual a sua atitude diante desta situação? _____

- 12) Como é a relação da família com a escola? (direção, professores e colegas de sala) _____

- 13) Quais são as maiores dificuldades que a família enfrenta? _____

- 14) De acordo com sua experiência, deixe uma mensagem para familiares com _____ filhos _____ surdos.

UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA
CENTRO DE EDUCAÇÃO
CURSO DE PEDAGOGIA

APÊNDICE – B
QUESTIONÁRIO / ALUNOS

- 1) Nome: _____
- 2) Idade: _____
- 3) Cidade: _____
- 4) Estado: _____
- 5) Formação: _____
- 6) Escola onde estuda: _____
- 7) Como você se sentiu ao descobrir que era surdo?

- 8) Desde quando usa Libras? _____
- 9) Como foi a aprendizagem em Libras?

- 10) Onde aprendeu Libras? _____
- 11) Você já estudou em que escolas (públicas ou privadas)?

- 12) Sempre teve intérprete? Qual a importância de um intérprete?

- 13) Você já estudou em escolas especiais para surdos?

- 14) Você saberia dizer as vantagens e desvantagens de estudar numa escola especializada e numa escola regular?

- 15) Quais as maiores dificuldades que você teve durante sua trajetória de estudante, sofreu preconceito por ser surdo? Como lida com isso?

- 16) Como se comunica com a família, todos se comunicam através da Libras? E com os amigos ouvintes e pessoas ao seu redor?

17) Você prefere interagir apenas com pessoas surdas ou não? Por que?

18) Quais lugares você frequenta nos momentos de lazer? Com quem costuma ir?

19) Pratica algum esporte? Qual? _____

20) Tem namorada? Ela é ouvinte ou surda? Como é o relacionamento de vocês?

21) Que tecnologias você utiliza no seu dia a dia? Como você vê esse avanço tecnológico no mundo de hoje? Esses avanços facilitaram sua vida?

22) Você é feliz? Por que?

23) Tem planos para o futuro? Quais?

24) Deixe uma mensagem de um surdo para os ouvintes.

UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA
CENTRO DE EDUCAÇÃO
CURSO DE PEDAGOGIA

APÊNDICE – C
QUESTIONÁRIO / PROFESSOR

- 1) Nome: _____
- 2) Idade: _____
- 3) Formação: _____
- 4) Nome da Escola: _____
- 5) Tempo que leciona: _____
- 6) O que você sabe sobre surdez?

- 7) Você sabe o tipo de grau de perda auditiva do seu aluno? Se sim, explique.

- 8) Qual a forma de comunicação utilizada pelo aluno surdo em sala de aula? _____
- 9) Qual a forma de comunicação utilizada pelo professor com o aluno?

- 10) Você sente dificuldade como professor para ensinar o aluno surdo? Se sim, quais?

- 11) O aluno surdo apresenta dificuldades em seu processo de escolarização? Se sim, quais?

- 12) Você acha que existe alguma necessidade de adaptação curricular para os alunos surdos? Se sim, ele é feita? Como?

- 13) Você conhece e sabe usar a Libras? _____
- 14) Algum outro membro da equipe escolar conhece e sabe usar libras? Se sim, qual? _____
- 15) Você acha que a libras é importante no processo de escolarização dos surdos? Por que?

- 16) A escola tem algum instrutor surdo? _____
- 17) Você teve alguma capacitação que tratou sobre surdez ou Libras? Se sim, qual a importância que trouxe para você?

- 18) Qual a relação que você identifica entre a Libras e a política da inclusão?

- 19) Relate as maiores dificuldades para um professor com um aluno surdo.

UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA
CENTRO DE EDUCAÇÃO
CURSO DE PEDAGOGIA

APÊNDICE – D
QUESTIONÁRIO / INTÉRPRETE

- 1) Nome: _____
- 2) Idade: _____
- 3) Formação: _____
- 4) Nome da Escola: _____
- 5) A quanto tempo você atua como intérprete educacional? _____
- 6) Como você aprendeu Libras? _____
- 7) Para você, o que significa Libras?

- 8) O que faz um intérprete de Libras?

- 9) Qual o papel do intérprete na inclusão de pessoas com deficiências?

- 10) Qual a qualificação necessária para se tornar profissional?

- 11) Como você define a importância de um profissional saber língua de sinais?

- 12) Na sua opinião a relação entre professor e intérprete são bem definidas?

- 13) Você participa das reuniões do planejamento pedagógico escolar?

- 14) Você auxilia o professor na realização da atividade prática?

- 15) Você tem acesso prévio aos conteúdos que são trabalhados? _____
- 16) Em sua opinião, a falta de professores qualificados em sala de aula pode prejudicar o aprendizado de um aluno surdo nas escolas?

- 17) Quando você percebe que o aluno não domina Libras, o que você faz?

18) Como interprete, quais são os maiores desafios nessa profissão?

19) Qual a sua relação com o aluno?
